

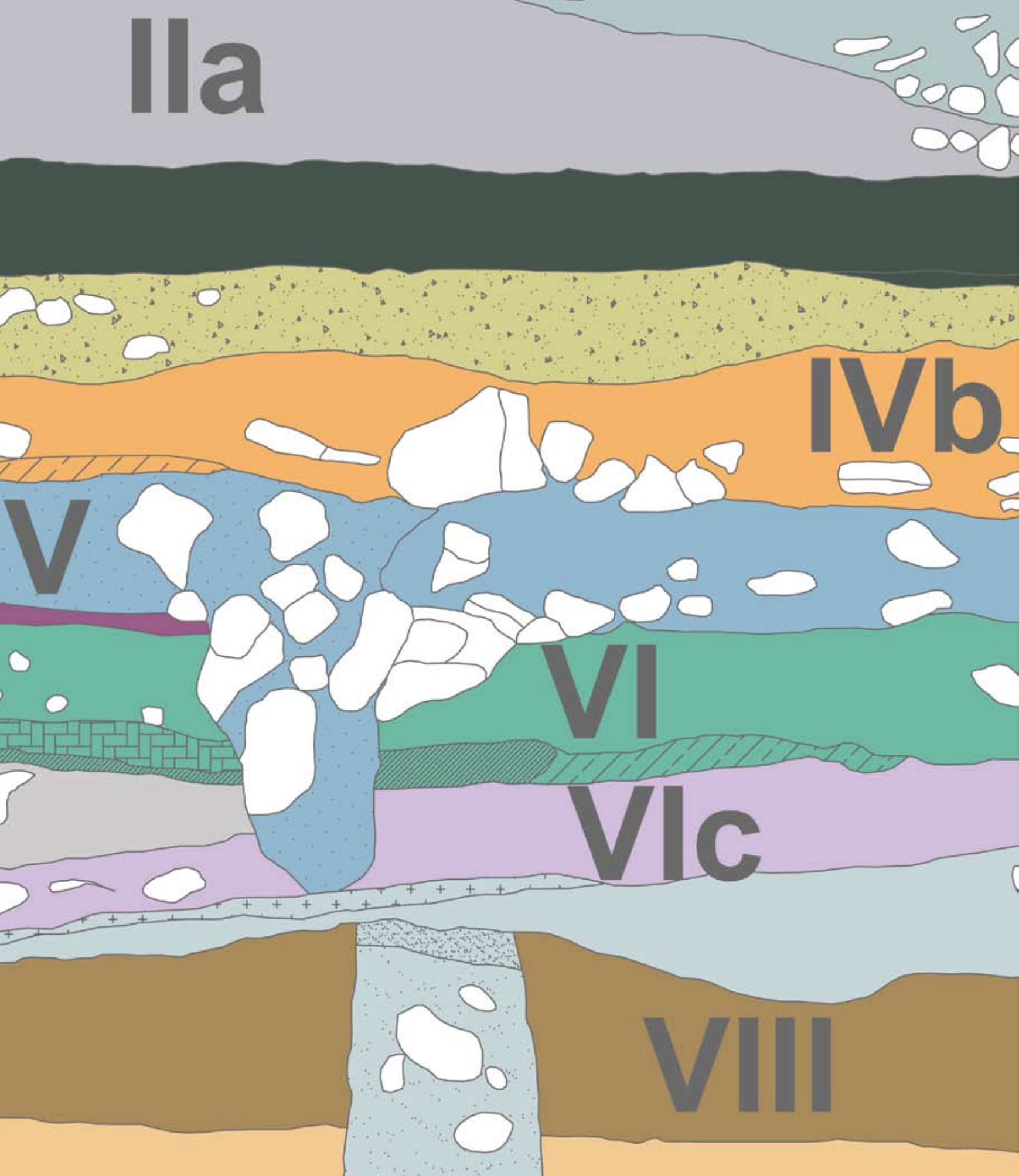
Va

VI

VIb

VII

Ila



III. Testemunhos do Subsolo no final do século XX

[† João Pedro Cabral | Guilherme Cardoso | José d'Encarnação]



Sondagem Arqueológica no Palácio dos Condes da Guarda

Introdução

Aproveitando a remodelação a efectuar, no ano de 1992, no piso térreo dos Paços do Concelho de Cascais, antigo Palácio dos condes da Guarda e perante o aparecimento de um solo de lajes de calcário sob o mais recente, de cimento, e a descoberta de fragmentos de fustes de colunas nas paredes, decidi a edilidade mandar proceder a sondagens arqueológicas no interior do edifício.

Para além desses primeiros achados ocasionais, a escavação revestia-se da maior importância, devido à situação privilegiada do espaço, junto à Praça Velha (actual Praça 5 de Outubro), na encosta poente da Praia da Ribeira e na área do antigo Hospital dos Mareantes de Cascais (século XIV), ainda hoje por localizar.

Havia também referências ao aparecimento, noutros tempos, de restos faunísticos, cerâmicas e metais, por ocasião da realização de obras na cave do edifício. Os operários falavam-nos, habitualmente, de moedas e argolas de bronze, associadas a ossos que “pareciam ser de cavalos”.

Não era completamente desconhecida a zona, dado que, já por diversas vezes, elementos da equipa tinham observado o subsolo envolvente. Logo em 1983, após as cheias que derrubaram a muralha de protecção da praia e, no ano seguinte, durante a abertura de profundas valas para colocação das manilhas de esgoto pluvial, foi possível analisar a realidade estratigráfica de parte da praça. Sobre esse estudo já se publicaram alguns dados (Cardoso, 1985).

Págs. de abertura
Pormenor de perfil poente da sondagem arqueológica.

Pormenor de friso de azulejo policromado recolhido nas camadas de entulho, eventualmente resultantes das obras realizadas no edifício, ao longo do tempo, nomeadamente as que ocorreram entre 1918 e 1919, das quais resultou a demolição do corpo alteado (que integrava painéis azulejares semelhantes aos que ainda hoje se conservam) e nivelamento de toda a fachada. Os dois azulejos representados correspondem ao canto inferior esquerdo de um desses painéis.
[Foto Guilherme Cardoso]



As escavações de 1992 foram realizadas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Cascais, constituído então por João Pedro Marcelino Cabral, Severino Rodrigues e António Paraíso Nunes. Por outro lado, houve a intenção de integrar esta intervenção no estudo arqueológico desenvolvido pela Associação Cultural de Cascais desde 1988, sobre o centro histórico da vila de Cascais, associando-se assim à equipa Guilherme Cardoso e José d'Encarnação. Pretendia-se, desta forma, concentrar o estudo da evolução centro urbano de Cascais num grupo de investigação que já estava a realizar esse trabalho, de forma a não perder a visão do conjunto e impedir a dispersão da informação técnica e científica por uma série de escavações pontuais sem qualquer gestão integrada de resultados.

Sítio

O Palácio dos condes da Guarda foi construído na zona baixa de Cascais, nailharga ponte à Praia da Ribeira. Desde sempre, pelas suas condições naturais de abrigo marítimo, esta praia serviu de varadouro a todo o tipo de embarcações. Depois de D. António Luís de Menezes, Governador de Armas de Cascais, ter mandado construir a muralha de defesa da vila a partir de 2 de Janeiro de 1642, só as pequenas embarcações passaram a ter acesso àquele local, uma vez que as de maior porte não conseguiam passar pelas portas desta estrutura defensiva.

Contudo, a ocupação do local já remontava à época romana, patente na edificação de uma fábrica de derivados piscícolas, em actividade

Do lado esquerdo, em 1º plano, fustes de coluna. Ao fundo, lado direito, o local da sondagem.
[Foto Guilherme Cardoso]

durante os séculos I e II da nossa era, na escarpa sita a sudoeste dos actuais Paços do Concelho.

Por outro lado, pela análise de cartografia antiga, verificou-se que o Palácio se encontrava implantado numa área de pequenas casas, junto a um antigo poço, localizado no actual Beco dos Inválidos¹, na escarpa calcária que delimitava a poente, a praia existente no braço direito do pequeno delta em que desaguava a Ribeira das Vinhas². Nessas mesmas plantas do século XVI, identifica-se na praça, em frente dos antigos Paços da chamada “Câmara Velha”, um pouco mais para norte, um círculo inscrito num quadrado, elemento que se interpreta como o pelourinho desaparecido há alguns séculos.

Por consequência, a informação existente era mais do que suficiente para justificar uma intervenção arqueológica preventiva, a fim de recuperar mais informação acerca da evolução urbana de um sítio de primordial importância para a vila piscatória, tanto do ponto de vista económico, como político-administrativo. E, assim, em boa hora se fez, ainda que, como veremos no final, os objectivos fixados hajam ficado por atingir na sua plenitude, devido a circunstancialismos alheios às perspectivas científicas e culturais da intervenção.

Escavação

A escolha do local da sondagem, na sala sul contígua à entrada nobre do palácio, baseou-se em dois factores fundamentais: a localização mais próxima possível dos alicerces da fachada principal e a intenção e necessidade de interferir o menos possível com os trabalhos de obra que estavam a decorrer neste local.

Inicialmente, pensou-se em abrir uma sondagem com 4 x 2 m, mas, devido ao tamanho das lajes identificadas sob as camadas de cimento de assentamento dos tacos do piso térreo, a área intervencionada foi reduzida em 0,20 m, tanto em comprimento como em largura. Os trabalhos iniciaram-se a 11 de Junho e foram dados por terminados a 23 de Julho desse ano de 1992.

A escavação seguiu a estratigrafia natural, tendo-se o cuidado de rebaixar primeiro os sedimentos que preenchiam a vala do alicerce (correspondente à parede oriental do edifício), sobre a qual tinha sido implantada a sondagem. Só posteriormente se escavaram as camadas localizadas mais para o interior da sala, de modo a evitar a contaminação entre as unidades estratigráficas anteriores e contemporâneas da construção do palácio.



Trabalhos de escavação.
[Foto Guilherme Cardoso]



Resultados

Após a remoção das três camadas de cimento que nivelavam o piso, apareceu um lajeado de pedras de calcário: lajes lisas junto às janelas e reticuladas com sulcos, as internas, confirmando a existência de uma cocheira naquela parte do edifício, ao tempo dos condes da Guarda.

Sob este pavimento lajeado (estrato II), recolheram-se fragmentos de cerâmica sevilhana do século XVI e portuguesa do séc. XVIII e dos finais do século XIX. A sapata da parede oriental apresentava-se ligeiramente abatida para poente.

A 44 cm de profundidade foi identificado um nível com cinzas e carvões, provavelmente relacionado com o terramoto de 1 de Novembro de

1755 que, como se sabe, teve graves consequências em Cascais. Sob este estrato, surgiram vidrados amarelo e verde, cerâmica comum, fragmentos de um copo irisado, fragmento de bilha com bordo extrovertido facetado e fragmentos de pratos de faiança decorados a azul e manganés, datáveis do século XVIII.

Decapado este estrato de cinzas, a 68 cm de profundidade, identificou-se um enchimento de terra arenosa acastanhada, com pedras miúdas e fragmentos de cal, no qual foi recolhido um botão de liga de cobre.

Local da escavação durante o início dos trabalhos. Repare-se nas lajes reticuladas.

[Foto Guilherme Cardoso]



Fragmentos de faiança sevilhana (século XVI) e portuguesa (séculos XVIII e XIX).
[Foto Guilherme Cardoso]



Friso de azulejo policromo.
[Foto Guilherme Cardoso]



Piso com vestígios de incêndio, a 44 cm de profundidade.
[Foto Guilherme Cardoso]



Faiança da Fábrica de Sacavém.
[Foto Guilherme Cardoso]

A marca Congo, numa das peças.
[Foto Guilherme Cardoso]





Faiança do século XVIII.
[Foto Guilherme Cardoso]

Botão de liga de cobre.
[Foto Guilherme Cardoso]



No estrato IV, a 85 cm de profundidade, apareceu grande concentração de cal, colocando-se a descoberto o enrocamento da vala do alicerce norte, constituído por pedra solta e terra arenosa. Este contexto forneceu um botão de bronze com argola de suspensão e fragmentos de cerâmica comum. A vala da fundação, construída em pedra irregular e de dimensões variadas, encontrava-se preenchida por terra arenosa castanha clara com pequenas pedras.

A sul, foi identificado um nível de 52 cm de cinzas calcadas, possivelmente para enchimento ou nivelamento, sob o qual surgiu cal e terra (em menor profundidade na zona central). Neste estrato, foram recolhidos um fragmento de alfinete de bronze, cerâmica comum, cerâmica vidrada e tijoleira (do século XVII).

No estrato V recolheu-se cerâmica vidrada verde, faiança decorada a azul e manganés (século XVII), parte de um apito em cerâmica vidrada verde, em forma de cabeça de cavalo e fragmentos de louça fosca. Em corte, foi possível observar vestígios de um buraco de poste que perturbava o estrato VI.

O estrato VI, identificada a 93 cm de profundidade, forneceu telha, cerâmica fosca, cerâmica vidrada verde, fragmentos decorados a verde e manganés no interior, uma malga de faiança e um fragmento de fundo de garrafa de vidro.

Apito em cerâmica vidrada verde em forma de cabeça de cavalo. Produção de Alenquer do século XVIII (?).
[Foto Guilherme Cardoso]



Faiança sevilhana.
[Foto Guilherme Cardoso]

Fragmento de azulejo.
[Foto Guilherme Cardoso]



Fragmento de azulejo sevilhano de aresta.
[Foto Guilherme Cardoso]



Faiança italiana, azul sobre azul (Berettino).
[Foto Guilherme Cardoso]



Faiança italiana, azul sobre azul (Berettino).
[Foto Guilherme Cardoso]

Porcelana.
[Foto Guilherme Cardoso]



Materiais do estrato VII.
[Foto Guilherme Cardoso]

Aplique de madrepérola.
[Foto Guilherme Cardoso]



Ceítíl.
[Foto Guilherme Cardoso]

Real de D. Sebastião.
[Foto Guilherme Cardoso]



A cerca de 1,20 m de profundidade, identificou-se um estrato que continha uma bolsa no seu lado sul. Tratava-se de um preenchimento com características de entulho, constituído por telha e restos de cal. Entre os materiais daí exumados, destacam-se um real de cobre de D. Sebastião, um ceutil, um aplique de madreperola, fragmentos de vidro, fragmentos de porcelana, fragmentos de púcaros, cerâmica vidrada e fosca e dois fragmentos de azulejo, um dos quais de aresta.

A meio do estrato VII encontrava-se o topo de um buraco de poste que perturbava os estratos VIII e IX. Na referida bolsa sul, agora preenchida por pedras e cinzas, surgiu outro buraco de poste, bem como abundantes fragmentos de cerâmica, entre os quais um de botija sevilhana com ligeiro vidrado interno.

O estrato VIII era constituído por um areão alaranjado tipo saibro, com inclusões abundantes de carvão. No lado sul e no centro da sondagem, foram identificados igualmente vestígios de fogueiras com abundantes carvões. De destacar a recolha de um patacão de D. João III (X reais), uma malga carenada e louça fosca.

Na camada de areia (estrato IX), identificada a partir de 1,37 m de profundidade apareceram em maior número, os buracos de poste que foram devidamente desenhados e fotografados. Os buracos de poste encontravam-se a profundidades diferentes: a 1,37 m: A, B, C, D, E, F e K; a 1,50 m: G, H, I e J; a 1,70 m: L. Neste estrato recolheram-se fragmentos de vasilhas de barro fosco de cozedura redutora, com caneluras e paredes finas.



Corte efectuado na zona da fogueira sobre a areia de praia.
[Fotos Guilherme Cardoso]

Patacão de D. João III.
[Foto Guilherme Cardoso]



Cerâmicas (estrato VIII).
[Foto Guilherme Cardoso]

Bloco de granito da Serra de Sintra, que se encontrava na vala da fundação.
[Foto Guilherme Cardoso]





Fragmento de botija espanhola e pequeno peso tubular de rede de pesca. [Foto Guilherme Cardoso]

O 2.º grupo de buracos de poste marcados na areia, fotografados à cota de -1,37 m (página actual e seguinte). [Fotos Guilherme Cardoso]









Pág. anterior
 Observe-se o modo de colocação dos postes para apoiar as artes de pesca, na Praia da Ribeira de Cascais, nos anos 40.
 [Arquivo Guilherme Cardoso]

Escavação da areia abaixo dos alicerces.
 [Fotos Guilherme Cardoso]

Buracos de poste em dois níveis diferentes.
 [Fotos Guilherme Cardoso]

No lado oriental, a escavação deste nível foi antecedida pela escavação da vala de fundação nascente, na qual se encontraram fragmentos de cerâmica comum do século XVIII e se isolou uma camada de barro cinzento junto à parede. Na base da vala, destacou-se o aparecimento de um bloco rolado de rocha granítica da Serra de Sintra, que poderá ter sido utilizado como poita pelos pescadores da Praia de Porto Touro, junto à Biscaia, num momento posterior, transportado para este local e reaproveitado na construção de um dos edifícios aí anteriormente existentes.

Logo abaixo da camada de areia, existia outra alaranjada (estrato X), que assentava sobre um

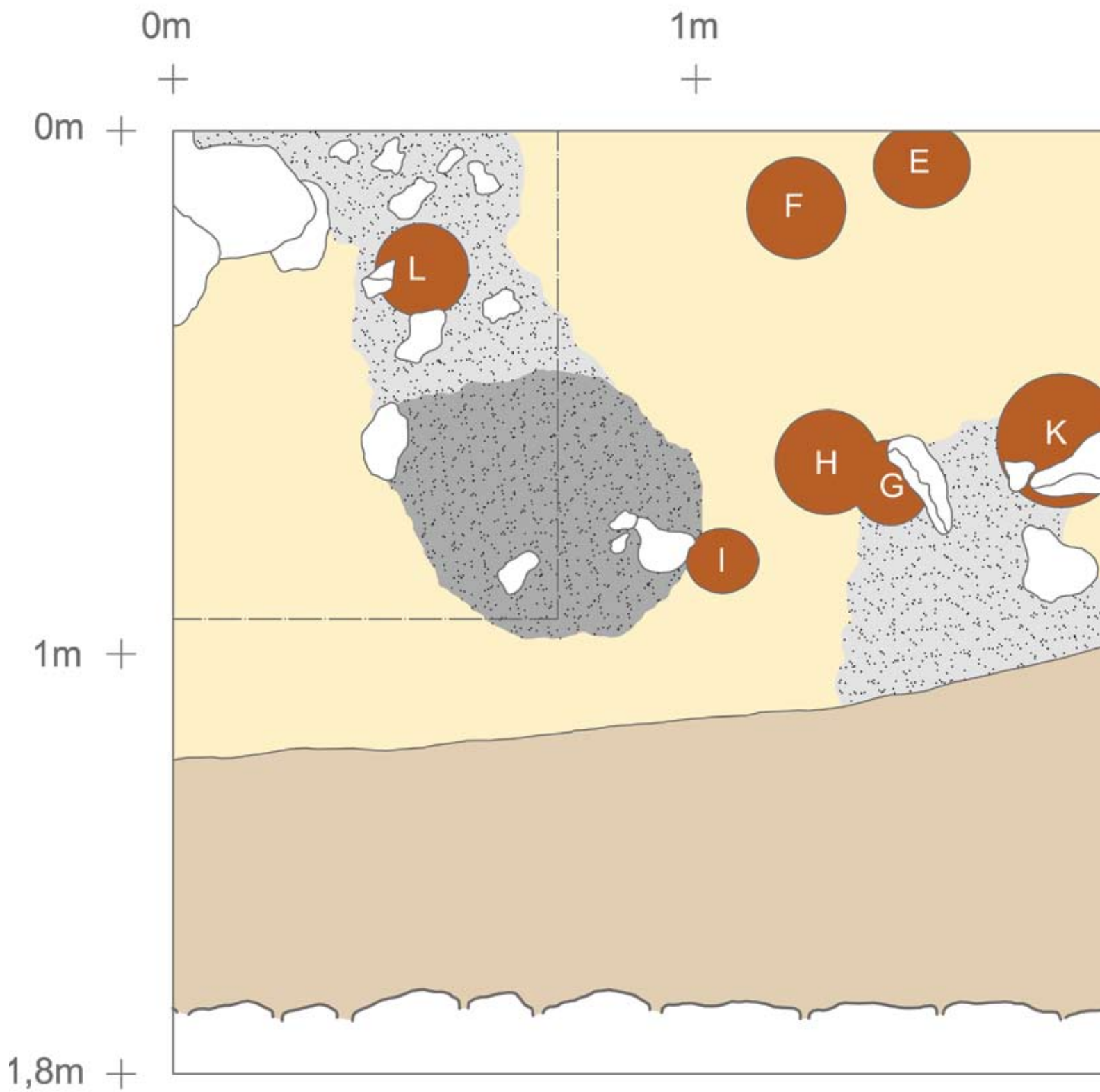
fino piso de argila e areia que constituía o topo do estrato XI. No meio desta camada, surgiu um novo buraco de poste preenchido por pequenos fragmentos de cerâmica fosca de cozedura redutora.

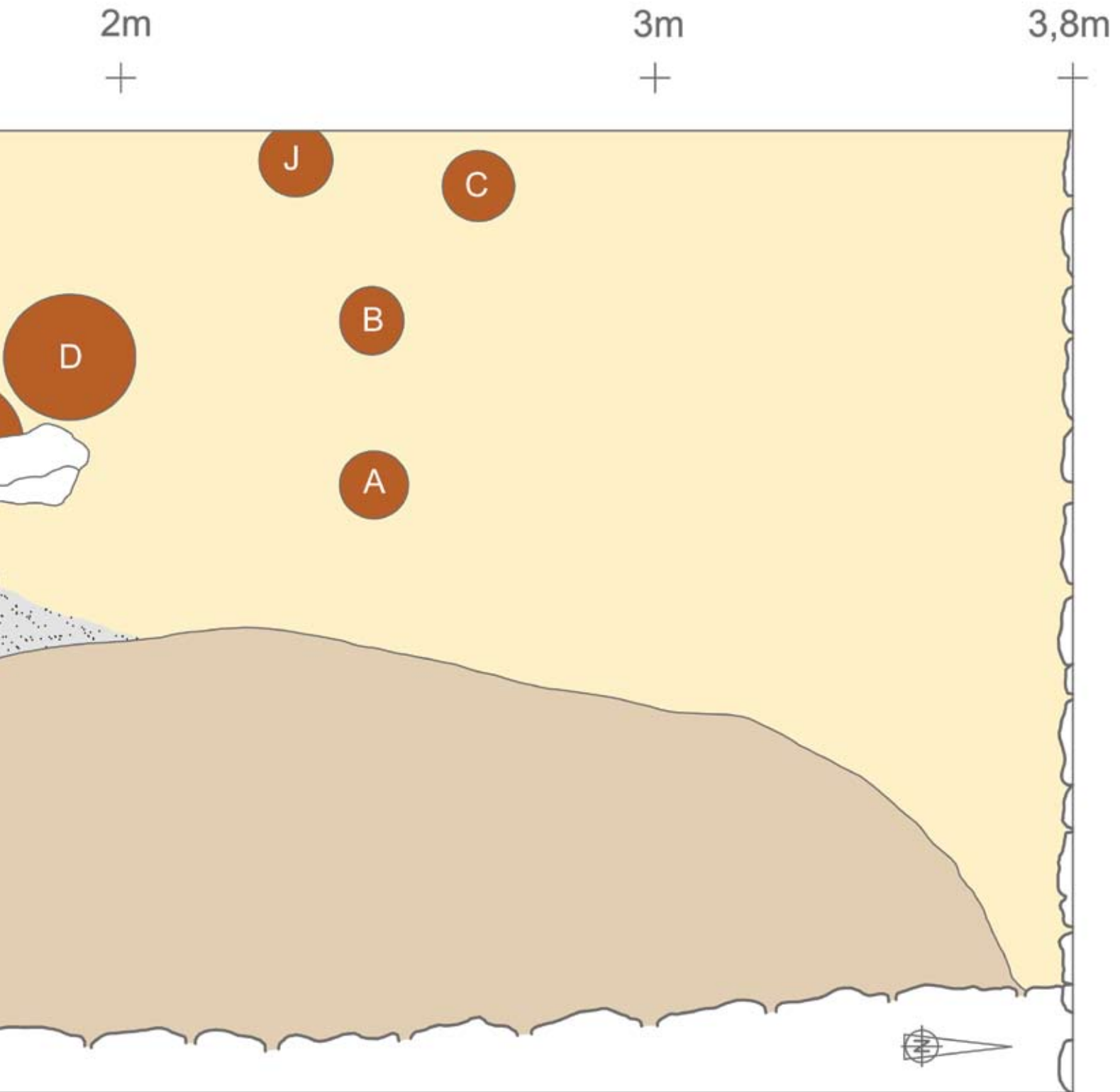
A 2,63 m de profundidade foi identificado um piso de barro com alguma pedra miúda e alguma cerâmica de pastas cinzentas, que se sobrepunha a um estrato de areia alaranjada (estrato XI). Seguiu-se a decapagem do estrato XII (camada de areia avermelhada), no qual se recolheram fragmentos cerâmicos a 2,76 m de profundidade.

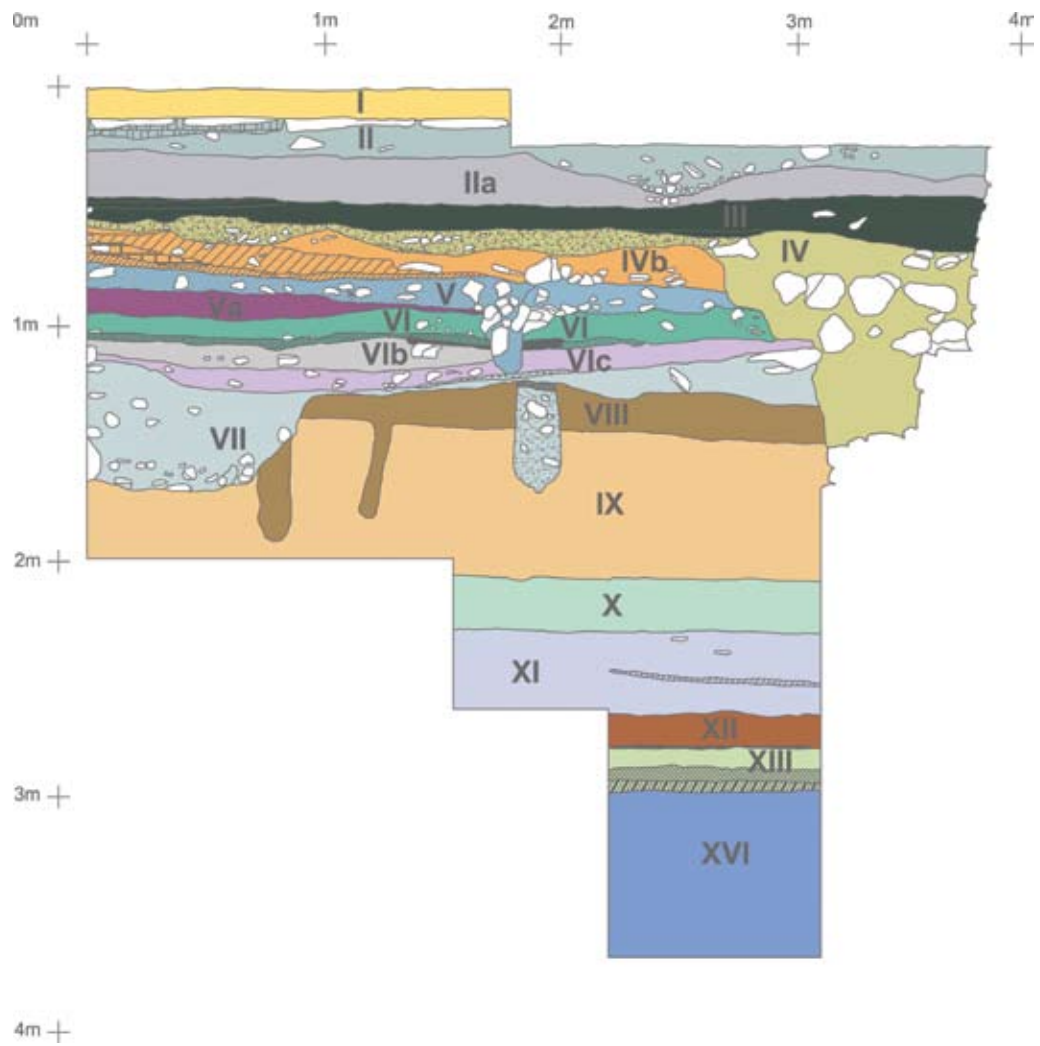


Fragmento de bóia de cortiça, utilizada por pescadores, recolhida fora de contexto pelos operários que trabalhavam na obra.

[Fotos Guilherme Cardoso]

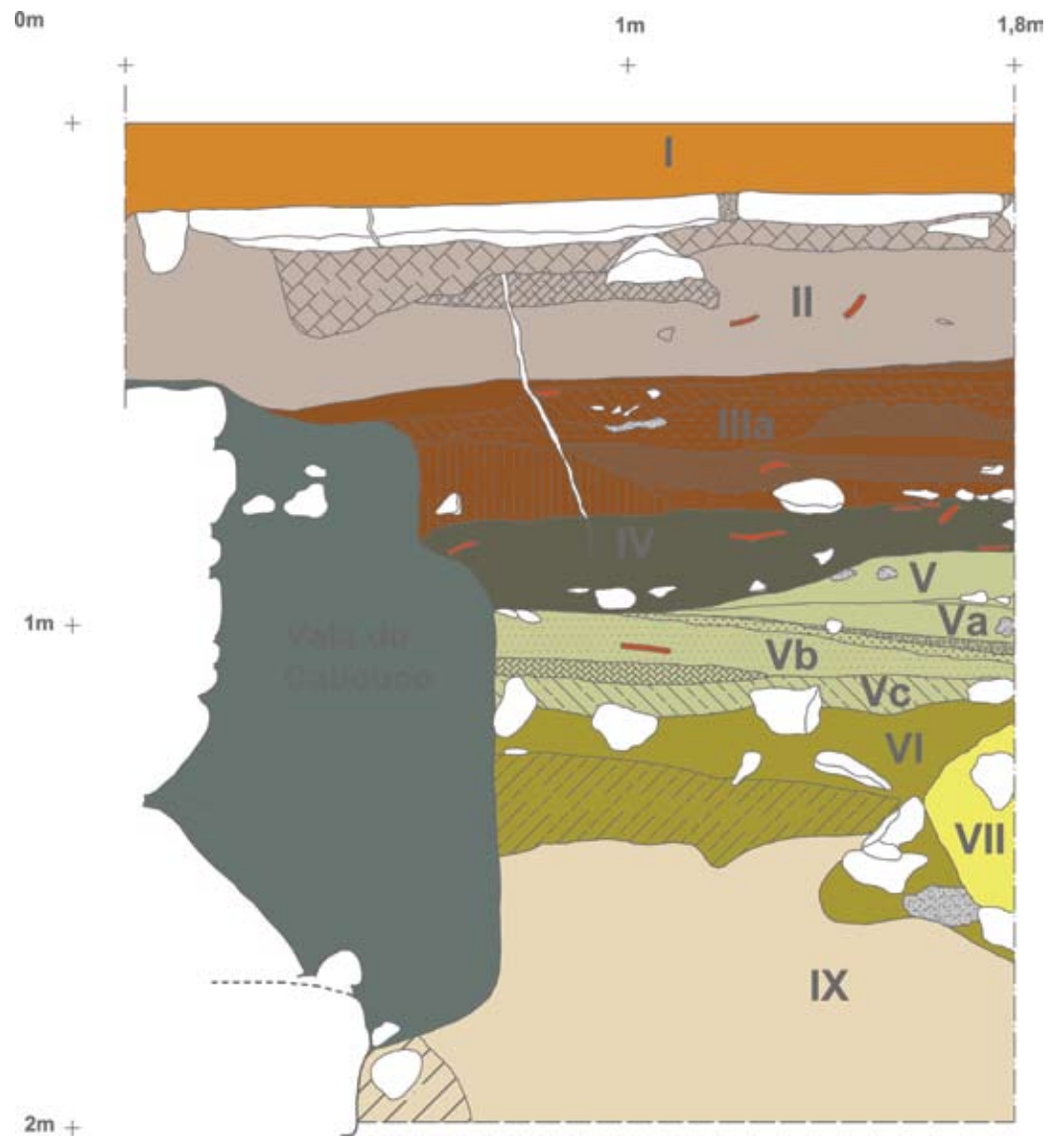






Pág. anterior
 Planta da sondagem onde aparecem registados a fogueira encontrada a cerca de 1,30 m de profundidade e a disposição dos buracos de poste até 1,70 m.
 [Desenho Severino Rodrigues]

Perfil ponte.
 [Desenho de Severino Rodrigues]



Perfil sul.
[Desenho de Severino Rodrigues]

A 2,80 m de profundidade, identificou-se estrato XIII, um piso construído à base de conchas moídas, areia escura e barro calcado que forneceu dois fragmentos de bordos de algarde de louça fosca, com caneluras na parte superior do bordo.

Com a escavação do estrato XVI (até à profundidade de 3,65 m), camada de areia de praia com areão estéril relativamente a espólio, foi dada por concluída a sondagem arqueológica.

Materiais cerâmicos

Barris

Apresentamos duas bocas de barris (figs. 1 e 2) de formas ligeiramente diferentes mas com cronologia aproximada (entre 1540 e 1580), devendo as diferenças observadas estar relacionadas com a sua proveniência de olarias distintas. Eram vasilhas ainda há poucos anos utilizadas para o transporte de água e pode atribuir-se com alguma segurança a utilização deste tipo de peças particularmente por pescadores, atendendo ao seu aparecimento em número significativo, nas recolhas feitas por arrasto no fundo do estuário do Rio Tejo (Blot e Rodrigues, 2003).

Bilhas

Entre os vários fragmentos recolhidos destacámos três: um, recolhido a 2,63 m de profundidade, de uma pequena boca de infusa, datável dos séculos XII-XIV (fig. 3) e outros dois, mais modernos, recolhidos em camadas da segunda metade de Quinhentos ou dos inícios da centúria seguinte (figs. 4 e 5).

Púcaros e taças

Apresenta-se o fragmento de um fundo de taça (fig. 6), característico dos séculos XV-XVI, recolhido a 1,72 m. Nesta intervenção recolheram-se vários fragmentos de púcaros de pança bojuda e lábio vertical datáveis dos séculos XV e XVI.

Pratel

Os fragmentos que reproduzimos (fig. 7) estão decorados no bordo com um denteado irregular e serviriam de base para colocar púcaros. A figura representa um exemplar recolhido no estrato VII (na bolsa a 1,20 m de profundidade), associado a materiais da segunda metade do século XVI. Esta forma é comum por todo o século XVII.

Talha

Apresenta-se apenas um pequeno fragmento de bojo decorado com bandas digitadas (fig. 8), datável dos séculos XIV-XV e recolhido a 2,25 m de profundidade.

Almofariz

Foi recolhido um único fragmento no corte poente (fig. 9), tratando-se de uma forma produzida essencialmente nos séculos XV e XVI.

Tigelas

Recolheram-se vários fragmentos, sendo de destacar uma pequena taça (fig. 10) de tradição islâmica, recolhida a grande profundidade, 2,63 m e que é datável do século XIII. Apresenta-se ainda outro exemplar (fig. 11), integrável na segunda metade do século XVI e recolhido na bolsa do estrato VII.

Alguidares

Entre os fragmentos de alguidar identificados, apresentam-se apenas os três mais significativos. Os dois primeiros (figs. 12 e 13) foram recolhidos no estrato XII (piso mais profundo, a

2,63 m abaixo do pavimento actual), apresentam pasta vermelha fosca, aba canelada, de bordo revirado para o exterior e são atribuíveis ao século XIII. Este tipo tem afinidades com peças semelhantes provenientes da Rua dos Correeiros, Lisboa, datadas do século XII (Bugalhão, Gomes e Sousa, 2007, figs. 24 e 26) e encontra paralelo num alguidar recolhido em Almada (Vanessa, 2000, n.º 27), datado dos séculos XIII e XIV. O terceiro fragmento (fig. 41) é de um pequeno alguidar ou saladeira, esmaltado a branco com duas faixas azuis no bordo interno, de produção sevilhana do século XVI.

Potes

Apresentam-se cinco destes pequenos recipientes para guardar víveres (figs. 14 a 18), recolhidos em estratos do século XVI. Para a fig. 14 regista-se um paralelo em Cascais, na Rua do Poço Novo, da segunda metade do século XIII (Cardoso e Rodrigues, 1987, fig. 29).

Testos

Dentre os testos recolhidos, apresenta-se o exemplar mais completo (fig. 19), de bordo liso e pega central. Foi recolhido na bolsa do estrato VII, pelo que é integrável na segunda metade do século XVI.

Prato

Apresenta-se um exemplar de prato de cerâmica fosca (fig. 20), recolhido igualmente na bolsa do estrato VII e que deverá integrar as últimas produções de pratos brunidos usados na vila, tipo que perdura, normalmente, até aos finais do século XVI.

Frigideira ou Papeira

Reproduz-se um exemplar de pegas triangulares (fig. 21), forma que começa a ser produzida na Baixa Idade Média e perdurará até ao século XX. A peça aqui apresentada deverá remontar ao século XVII.

Tacho

A peça apresentada (fig. 22) provém da bolsa do estrato VII, datável do século XVI. Trata-se de uma forma já bem caracterizada e comum em vários pontos da vila de Cascais.

Panelas

São habitualmente os utensílios culinários que surgem com maior abundância em contextos arqueológicos, por se tratar de recipientes de utilização generalizada e de considerável fragilidade, devido às suas dimensões e contacto frequente com o fogo. Quanto às formas, registam-se as de tradição islâmica, provenientes de estratos mais profundos (figs. 23 e 25), dos séculos XIII-XV (fig. 26) e do século XVI (fig. 24 e 27). Da bolsa do estrato VII provêm os exemplares (figs. 28 a 32) datáveis da segunda metade do século XVI e, por último, uma panelinha (fig. 33), já do século XVII, recolhida a 0,98 m de profundidade.

Malgas e escudela

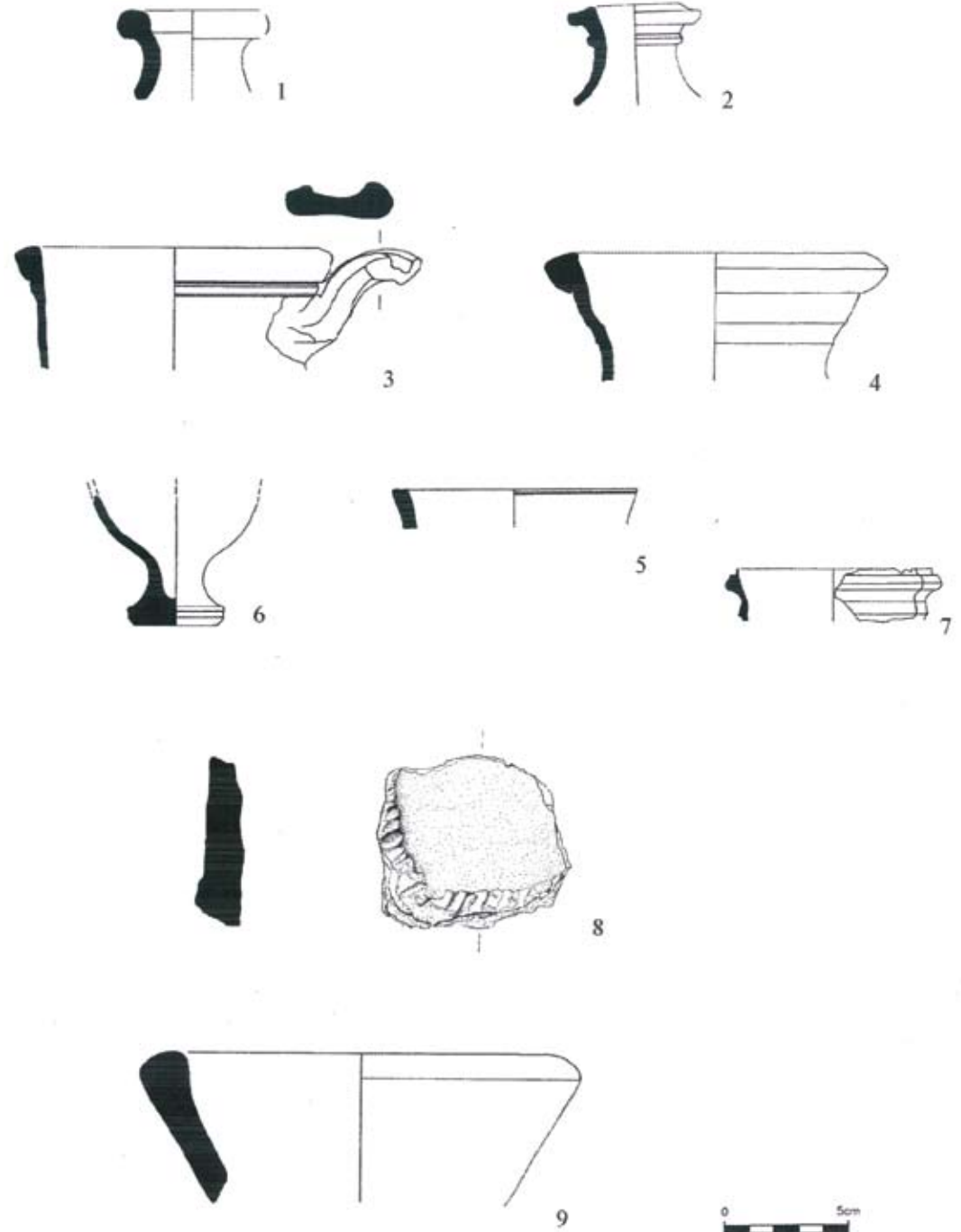
De vidro plumbífero de tom melado, de produção portuguesa, temos duas malgas (figs. 34 e 35), datáveis do século XVI. De produção sevilhana da segunda metade do século XVI, uma malga (fig. 36) e uma escudela de pega polilobada (fig. 37).

Pratos vidrados

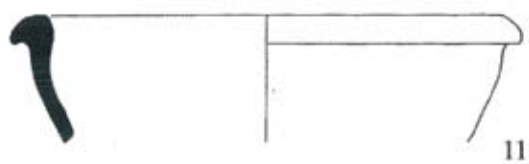
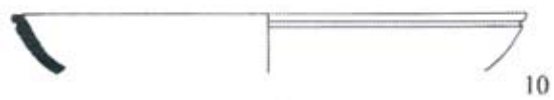
Apresentam-se dois pratos de vidro plumbífero colorado a verde, sobre chacota de barro vermelho, de produção nacional (figs. 38 e 39) da segunda metade do século XVI e um prato esmaltado a branco estanífero (fig. 40) de cronologia idêntica, de produção do sul de Espanha.

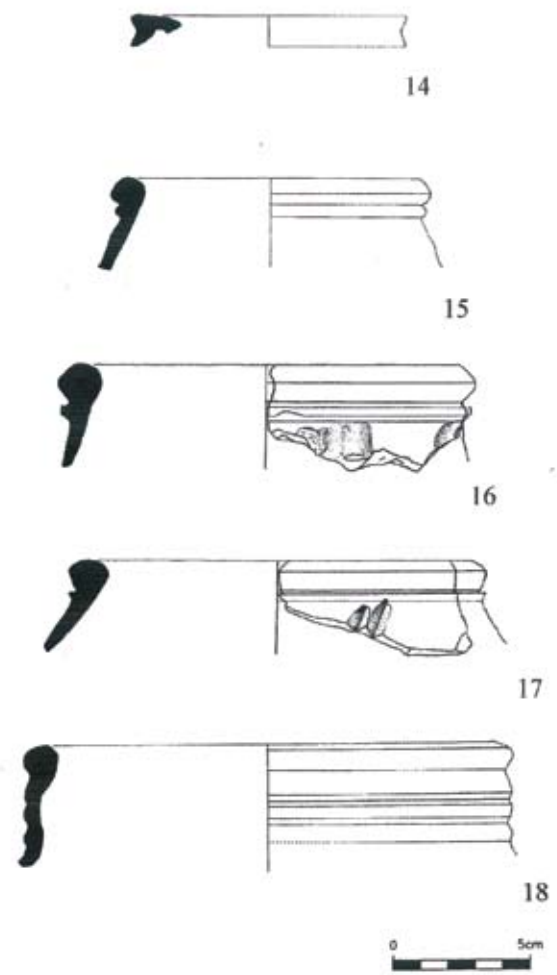
Botijas

Recolheram-se três fragmentos de bojos de duas botijas diferentes, dos séculos XVI ou XVII. Apenas dois fragmentos com colagem (um recolhido a 0,85 m e outro a 1,76 m de profundidade, na vala de fundação oriental) fornecem alguma forma (fig. 42). Trata-se de uma botija vidrada internamente. É do tipo B de Amores-Chisvert, de fabrico sevilhano. Recolheram-se anteriormente em Cascais, vários fragmentos de botijas do mesmo período, ainda por publicar, sendo o mais significativo um exemplar procedente da Rua da Saudade.



Barris | 1 e 2
Bilhas | 3 a 5
Taça | 6
Pratel | 7
Talha | 8
Amofariz | 9
[Desenho de Luísa Batalha]



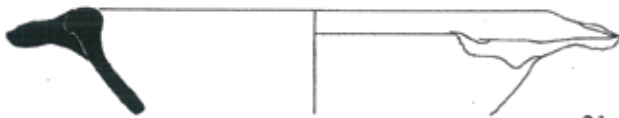




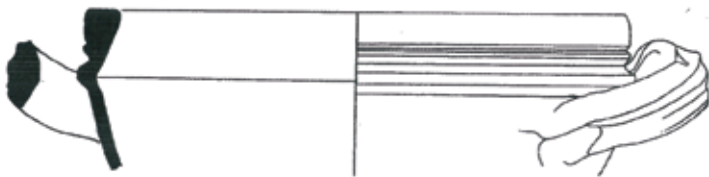
19



20



21



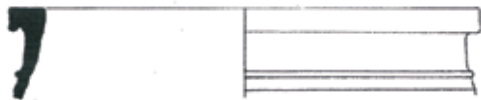
22



23



24



25



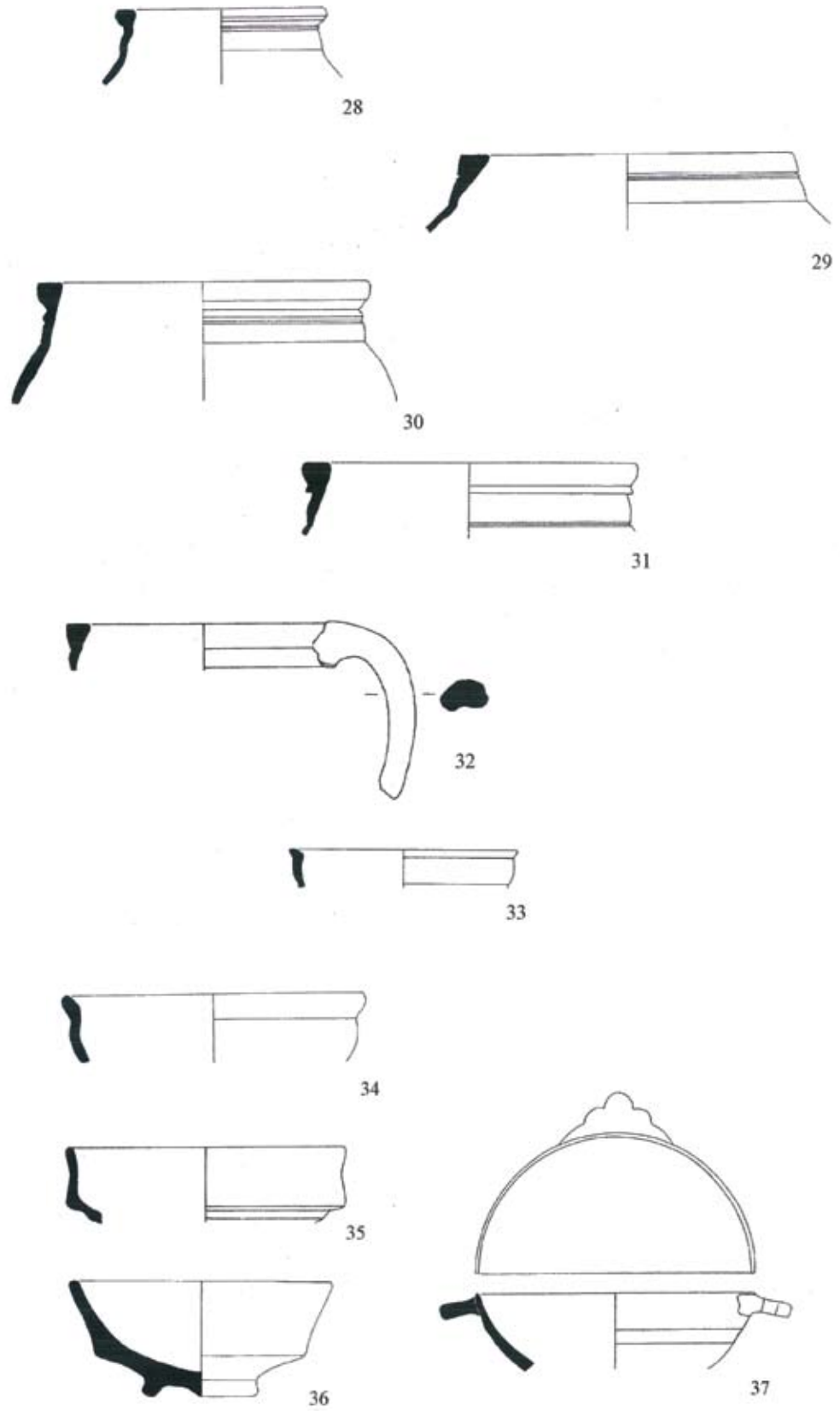
26



27

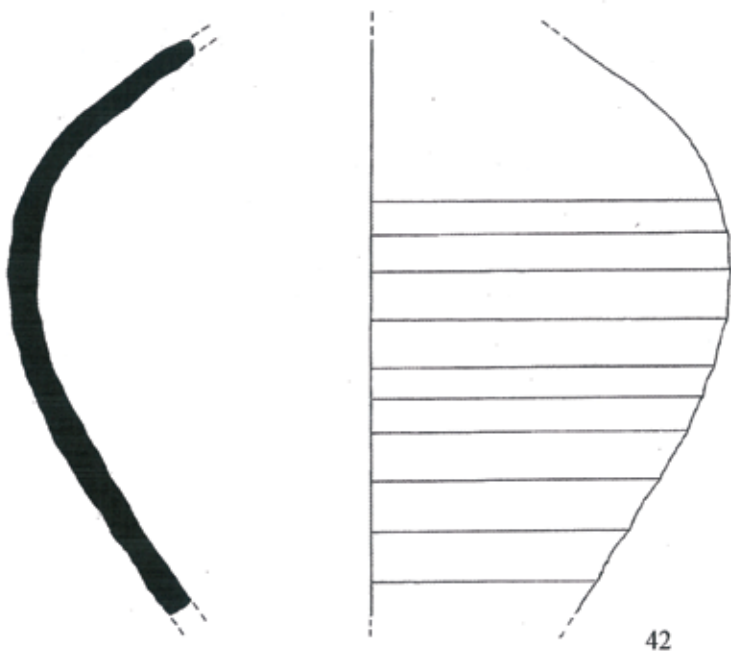
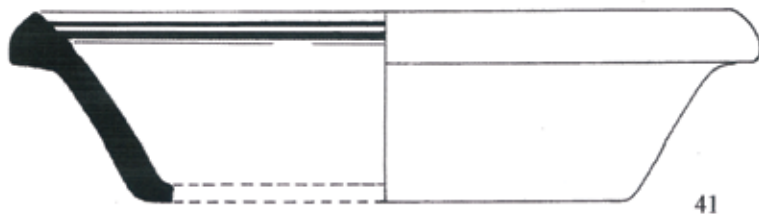
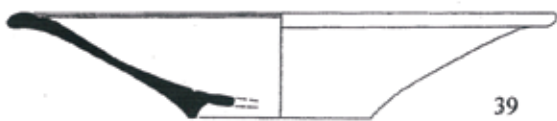


Testo | 19
Prato | 20
Frigideira | 21
Tacho | 22
Panelas | 23 a 27
[Desenho de Luísa Batalha]



Panelas | 28 a 33
Malgas vidradas | 34 a 36
Escudela vidrada | 37
[Desenho de Luísa Batalha]





Pratos vidrados | 38 a 40
Alguidar vidrado | 41
Botija espanhola vidrada | 42
[Desenho de Luísa Batalha]

Conclusões

Ficou comprovada a presença de pisos de barro com cinza intercalados por camadas de areia, certamente correspondentes a ocupações sazonais de comunidades piscatórias durante a Baixa Idade Média. Os vestígios materiais remetem esta realidade para o período compreendido na segunda metade do século XIII e o século XIV.

As marcas de poste deixadas na areia da praia encontravam-se em estratos de areia com materiais datáveis dos séculos XV a XVII. Confirmam uma utilização do espaço como local de construção de pequenas barracas ou de implantação de postes para apoio aos pescadores, nomeadamente para o fabrico ou conserto das redes de pesca. Devido à pequena área de escavação, não conseguimos clarificar qual das hipóteses estará mais correcta, confirmando apenas a presença humana no local durante períodos prolongados. Levanta-se também a hipótese (a confirmar) de os buracos de poste presentes nos estratos superiores corresponderem à implantação de andaimes de construção dos edifícios de alvenaria existentes no local a partir dos séculos XV ou XVI e registados nas plantas topográficas do século XVI.

Nos estratos superiores, verifica-se que, sobre a areia de praia, foram depositadas diversas camadas de entulho, constituídas por materiais de construção, a exemplo do que já tínhamos observado noutros pontos da vila. As valas de fundação dos edifícios dos séculos XVIII e XIX

destruíram algumas das camadas arqueológicas, revolvendo grande parte dos sedimentos. No entanto, foi possível confirmar que o espaço onde decorreu a escavação corresponderia às cocheiras e que as lajes do piso do Palácio dos condes da Guarda foram ali colocadas nos finais do século XIX.

Os fragmentos de fustes de coluna e alguns fragmentos de cantarias reaproveitadas na construção das paredes do palácio serão, provavelmente, provenientes de dois possíveis locais: o Paço dos marqueses de Cascais ou o Palácio do Governador, arruinado no terramoto de 1 de Novembro de 1755, que se localizava a sul da actual Praça 5 de Outubro, muito próximo dos actuais Paços do Concelho.